

Literatura afrobrasileira

Entrançados dizeres poéticos femininos: Breve leitura de poemas de Conceição Lima (São Tomé) e Miriam Alves (Brasil)

Por Assunção de Maria Souza e Silva

*Coordenadora do NEPA - Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro da
Universidade Estadual do Piauí – Brasil
E-mail: asmaria1@hotmail.com*

O século XXI apresenta-se como o tempo de visibilidade do feminino nas múltiplas esferas, não porque necessariamente inicia-se um novo milênio, mas porque ainda nesse tempo, por mais que a mulher tenha tido conquistas significativas, ainda vigora um quadro social de profundo fosso nas garantias de direitos. Alargam-se espaços de participação feminina na educação, na política, na cultura e na economia, mas é escasso o seu poder de gerenciamento político-administrativo nos espaços sociais, visto que vige um sistema de relações sociais e de gênero pautado na hierarquia herdada dos séculos passados, cujo destino relegava a mulher à exclusão social. O desafio que agora persiste está pautado na paridade implicante numa vontade comum em que se articulem na mulher o “saber de si, da sua memória e dos fins que persegue; o esclarecimento dos mecanismos sexistas – quando não ginófobos – da sociedade civil, do mercado e da política e a elaboração de uma agenda mínima que evite perdas do já conseguido (...)” (Valcárcel, 2008).

Nesse contexto, pensar as produções literárias de autoria feminina, seja em África ou Brasil, prescinde focar o lugar da mulher nas culturas em que predomina um fazer literário masculino. Deve-se, todavia, observar a configuração do sistema literário cuja voz feminina paira de maneira escassa e pontual no decorrer dos séculos, mais como ilustração heróica daquelas que conseguiram romper o cerco do silêncio e da exclusão do que como participação significativa no cânone literário. Tal constatação

provoca um debruçar nas literaturas brasileira e africanas de língua portuguesa e no que concerne ao dizer dessas mulheres.

Essa comunicação faz parte de um percurso de estudo que vimos desenvolvendo sobre as produções de autoras femininas africanas como Noémia de Souza (moçambicana), Ana Paula Tavares (angolana), Odete Semedo (guineense) e afro-brasileiras como Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves. Aqui pretendemos, de forma breve, apresentar aspectos do universo poético de Conceição Lima (São Tomé e Príncipe) e Miriam Alves (Brasil) na exposição de seus dizeres femininos, engendrados na situação de seus países cuja nuance é a crítica ao poder constituído. Vale dizer que os poemas, em primeira instância, vêm como expressão íntima do ser, retratando a condição feminina; em segunda instância, como expressão de vozes coletivas, irreprensivas, audíveis pelo compromisso de indicar outras possibilidades de *Ser* no mundo, no questionamento e ressignificação dos símbolos da tradição, desconstruindo estereótipos com propósitos de deslocamento de sentidos; ou construindo espaços e imagens de “esperança” mesmo que no incerto. Portanto, são dizeres que não trazem respostas prontas, nem a chave para a salvação, mas o “grito da imanência”, conforme Conceição Lima.

Segundo Fonseca (2002), a poesia feminina em África de língua portuguesa vem disseminar uma “consciência de africanidade”, com a “missão que tem como intelectual, como guia, mentor e agente transformador”, no caso da poetisa angolana Alda Lara, da são-tomense Alda do Espírito Santo e da moçambicana Noémia de Souza; como também, apresentar uma leitura, à luz do seu tempo, dos costumes, das tradições, alimentado de “outros saberes”.

A poesia feminina afro-brasileira, reforçada por nomes como Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo, Celinha, Miriam Alves e outras, conforme Fonseca (2002), “ainda que não se afaste inteiramente de projetos ligados ao reconhecimento das tradições dos afrodescendentes, (...), perscruta outras dicções, busca as expressões do corpo e os sentidos que ele ajuda a construir” (Idem. p. 45)

A pesquisadora citada identifica a distinção entre os escritos femininos de África e Brasil, sobretudo, entre as autoras que ora nos propomos a discutir. Para Fonseca (2002) o “pudor para falar sobre o próprio corpo e suas expressões mais íntimas” contido na poesia de Ana Paula Tavares, por exemplo, não está nas poesias de Conceição Evaristo e Miriam Alves.

a mulher guerreira, a que enfrenta as vicissitudes, está em muitos dos poemas escritos por mulheres, na antologia brasileira. O verbo audaz, incandescente, percorre muitos poemas, para denunciar a situação de exclusão da mulher, inclusive a dificuldade de viver sua própria feminilidade. As palavras precisam vencer as ordens, as opressões, ferro em brasa; o corpo subjugado precisa recuperar a força do ‘líquido lembradiço’, que emblematiza a mulher que ‘pacientemente cose a rede’ de uma milenar resistência, como nos revelam os versos do poema ‘A noite não adormece nos olhos das mulheres’, de Conceição Evaristo” (Idem. p. 46)

No entanto, essas diferenças tornam-se apenas traços delineadores das mulheres nos seus contextos pelas realidades que vivificam e o espírito em que concebe o seu processo de expressão literária; o que aqui queremos revelar é o modo como as poetisas captam a realidade histórica dos seus países e assim questionam ou reelaboram uma nova perspectiva de olhar sobre tradições e sobre seu tempo.

Fios da mesma cepa

Primeiro fio

Conceição Lima, são-tomense, publicou livros como “O útero da casa” e “A dolorosa raiz de Micondó” que trazem como universo poético a ilha de forma impactante em sua geografia física e humana cujo cerne vislumbra questões mística e mítica da terra. “Brisa nos canaviais”, “Odor do café e do cacau”, barro vermelho, compõem a paisagem que jorra a “mátria terra, até na luz da fruta, no sangue da lua, nas mãos de húmus e basalto” conforme nos lembra Urbano Tavares Rodrigues na apresentação do livro “O útero da casa”. A referida poetisa mantém o canto às tradições como elemento recorrente em seus poemas, no entanto quando o faz procurar criticamente revelar os entraves, as tensões e, mais inquietante, a

constatação da cumplicidade de reis e dirigentes são-tomenses para com o colonizador, como no poema “Antiepopéya”, em que revigora a memória do fenômeno do tráfico de escravo negro do país para o mundo sob a cumplicidade dos antigos reis.

Aquele que na rotação dos astros
e no oráculo dos sábios
buscou de sua lei mandamento
a razão,
a anuência,
o fundamento,.

Aquele que dos vivos a lança
e o destino detinha
aquele cujo trono dos mortos
provinha

Aquele a quem a voz da tribo
ungiu, chamou rei
do poder investiu
traiu,
por panos, por espelhos, por missangas
por ganância, avidez, bugigangas,
ele a porta da côrte abriu
e do povo seu reino exauriu.

(Lima, Conceição. Festival de poesia em Medelim, 2004 In vídeo:Youtube [online])

Trazer à tona uma versão histórica sob a ótica do colonizado permite conhecer as rasuras das escolhas feitas e dos caminhos tomados sob a anuência dos reis do

lugar. Reinos de oposições ao sistema, mas também contaminados de espertezas, ingenuidades e traições, conforme registra na história são-tomense o assassinato do rei Amador, em 1596. O olhar do presente no poema indigna e, ao mesmo tempo, em ato destemido, procura desobstruir o manto de esquecimento em que a história foi forjada. Pelos versos perpassam a lucidez aguerrida daquele eu lírico que não quer mais calar os atos sub-reptícios contidos na narração histórica, mesmo que isso venha a desvelar o poder do rei imaculado no “oráculo dos sábios”. Ao mesmo tempo em que revivifica o poder ancestral, ao clamar o humano que nas relações de troca existiam e existem, destitui o poder do rei pela frouxidão em que a ganância e avidez o submetia. O rei, exaurindo do povo seu reino por “panos e bugigangas”, perde na memória coletiva e histórica seu lugar sagrado e assim a história do povo, passa a ter outros sentidos. O que seria epopéia transforma-se numa antiepopéia, em grito imanente.

Segundo fio

Os poemas da paulista Miriam Alves, conhecida pelas publicações nos Cadernos Negros - Quilombjoje Literatura, vêm dar o desespero, lembrando os versos do poeta maior Manuel Bandeira em Nova Poética. Diz o poema banderiano: “O poema deve ser como uma nódoa de brim: / Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero” (Bandeira, p. 96, 1986). Pode-se, portanto, testemunhar tal sentido no poema MNU quando diz:

Eu sei: / surgiu um grito na multidão / um estalo seco de revolta /
Surgiu outro / outro / e/ outros / aos poucos, amotinamos exigências /
querendo o resgate / sobre nossa forçada / miséria secular. (CN,
1998, p, 105).

Conforme a professora Kátia Bezerra (UFMG), a escrita de Miriam Alves “permite demarcar um espaço da diferença que funciona como um mecanismo de rejeição e problematização de uma prática totalizadora, que procura impor uma leitura hegemônica e opressiva do outro.” (Portal Literafro. Online: Portal Literafro – <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/frame.htm>). Diremos que na ruptura com o estatuído, a poética de Miriam Alves revigora a condição feminina negra, desmascara a hipocrisia da pseudodemocracia racial brasileira e impulsiona uma fala política que dá

à pessoa negra o lugar de sujeito no processo histórico e de autotransformação social, fazendo-nos reafirmar que só o(a) negro,(a) por ele mesmo, ciente de seus problemas e do valor de sua cultura, ao assumir os atributos da diferença, encontrará saídas para interromper o processo de marginalização social que o atinge. O eu poético traz a arma das palavras incisivas, feito “as lanças dos Quilombos” para fazer valer seu compromisso emancipatório.

Ouve-se nos cantos a conspiração
vozes baixas sussurram frases precisas
escorre nos becos a lâminas das adagas
Multidão tropeça nas pedras

Revolta

há revoada de pássaros

Sussuro, sussurro:

“é amanhã, amanhã.

Mahin falou, é amanhã”

A cidade toda se prepara

Malês

bantus

geges

nagôs

vestes coloridas resguardam esperanças

aguardam a luta

Arma-se a grande derrubada branca

a luta é tramada na língua dos Orixás

É aminhã, aminhã

sussuram

Malês

bantus

geges

nagôs

“é aminhã, Luiza Mahin falo” (CN, 1998, p. 104)

No poema “Mahin Amanhã”, Miriam Alves traz para cena poética Luiza Mahin. Em início do século XIX, Luiza Mahin participou ativamente da luta contra a escravidão. Conforme trata Lopes, Mahin foi uma “revolucionária baiana de origem daomeana (...) Tornou-se livre por volta de 1812 e, trabalhando como quituteira e quitandeira, deu suporte a várias revoltas de escravos, principalmente fazendo circular mensagens contra os insurgentes. Na repressão à grande Revolta dos Malês, em 1835, teria conseguido fugir para o Rio de Janeiro, onde foi presa e provavelmente deportada para a África” (Lopes, 2004, p. 399).

A força do poema “Mahin amanhã” está neste revigoramento memorialístico da luta do povo negro. Em cada verso, armam-se cantos, vozes, multidão, numa preparação para a “derrubada branca”. No início, a moderação marcada pela partícula apassivadora se agregada ao verbo “ouvir”, dilui-se quando os sussurros transformam-se em fala modelar do povo: “é aminhã, Luiza Mahin falo”. O clima de preparação, despitamento por entre os becos, vai se intensificando, demarcando a “Revolta” cujo significado também se reforça nos vocábulos “Malês, bantus, geges, nagôs”, por fim o sentido do poema que já vem referenciado no título pelo advérbio temporal “amanhã”. Por esta escolha semântica, infere-se que o campo do enunciado expõe o espaço construído da memória num reviver de um dado momento histórico então revelado pela impessoalidade dos verbos “ouve-se” e “arma-se” e pelos versos “vozes baixas sussurram frases precisas / escorre nos becos a lâminas das adagas / Multidão tropeça nas pedras” e este “Arma-se a grande derrubada branca”; no campo da enunciação, o vocábulo “amanhã” vem indicar a manutenção precisa da esperança que há de vir depois da luta, referendada no verso “vestes coloridas resguardam esperanças / aguardam a luta”.

O poema de Miriam Alves também é revelador no sentido de inverter os papéis predeterminados no campo do gênero. A poetisa escolhe a figura feminina para lhe dar voz. Em meio a um discurso poético que vigora a impessoalidade, portanto pretende-se coletivo, é Luiza Mahin a que tem voz, em quem é posto o poder de mobilização pela mensagem que desperta. Junto a isso, acresce a presença dos Orixás de quem se origina o código linguístico dominante no tecido poético. O falar africano é retomado e por ele a esperança se encerra: “é aminhã, Luiza Mahin falô”.

Arremates

As produções literárias de autoria feminina revelam a(o) leitor(a) consoante as mais variadas intenções, um dado animador: “o gosto de dizer / sem reprimir/ O prazer de dar / o que se quer /a viagem segura / num mundo incerto” (Odete Semedo, 1996). Será por que a escritura feminina amolda aquele princípio da função reprodutora a que à mulher durante século foi legado e de onde vem a noção de perene doação feminina nos espaços em que ela se situa? Não se pretende, nessas últimas considerações, reproduzir e confortar uma visão essencialista sobre o feminino ou atachar sobre o eu lírico feminino a natureza compassiva. Pensa-se que outro lado é mais instigante e dignificante: o ato de deixar dizer-se pelo ímpeto de transformar as realidades, de clareá-las ou de incidir um olhar questionador que venha alargar os sentidos e provocar respostas diversas e diferentes para o que antes foi normalizado ou já estabelecido como única verdade. O dizer feminino nos poemas que ora tratamos imprime um dizer substantivo para si e para a coletividade, e para isso é preciso mexer em feridas, descobrir peles sobre peles, percorrer o descampado, porque é sempre preciso “rasgar sobre o pranto / o grito da imanência” (Conceição, In. O útero da casa).

Portanto, são por vias como estas que se pode, na atualidade, focar a escrita de autoria feminina, sem vê-la limitada a fonte de aspectos individuais e se alcançar uma subjetividade alargada à expressão do coletivo, em que tais mulheres estão inseridas. A partir dessa breve leitura sobre a poética dessas autoras, algo nos faz crer que um dia elas terão participação substantiva nas historiografias literárias de seus países pela qualidade das produções dignas de dizer o seu tempo.

REFERÊNCIAS

CADERNOS NEGROS. *Poemas*. São Paulo: Quilombhoje. 1998, p. 104

FONSECA, M. N.S. Corpo e voz em poemas brasileiros e africanos escritos por mulher. In. _____. (Org) *Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África*. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras: Estudos Literários: UFMG, 2002.

LIMA, C. *Antipoepopeya*. 14º Festival de poesia em Medelim. 2004. In. <http://www.youtube.com/watch?v=CJoAR73SNOA&eurl=http://www.orkut.com.br/FavoriteVideoView.aspx?uid=16003374175822849285&ad=1218795916>.

_____. *O útero da casa*. Lisboa: Ed. Caminho, 2004.

_____. www.camonianatravessias.com.br/indezarquivos/Os%20Poetas%20e%20Poemas/Conceição%20Lima.

LOPES, Ney. *Enciclopédia Brasileira da Diápora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004, p. 399.

PEREIRA, Renato Picnatori. [Pdf.] (Online) <http://www.klepsidra.net/klepsidra13/saotome.htm>. (s/d)

Portal Literafro. Online: Portal Literafro – <http://www.letras.ufmg.br/literafro/frame.htm>

SEMEDO, O. C. *Entre o ser e o amar*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 1996.

VALCÁRCEL, A. O que é o feminismo e que desafios apresenta? *Em busca da plena cidadania das mulheres*. URBAL red12mujercidad Barcelona, 21-23de abril. Online: <http://www.diba.es/urbal12/cdseminari/ponencias/ameliavalcarcelportu.pdf>. Acesso em 24/08/2008